



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVOLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE-ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

22 de Outubro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1764

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

HÁ dias tivemos a visita de um senhor que muitas vezes viu Pai Américo levantar encomendas no Posto de Correios onde trabalhava, e carregá-las para os seus Pobres. Era a aplicação, na letra, do título por que se chamava: «Recoveiro dos Pobres».

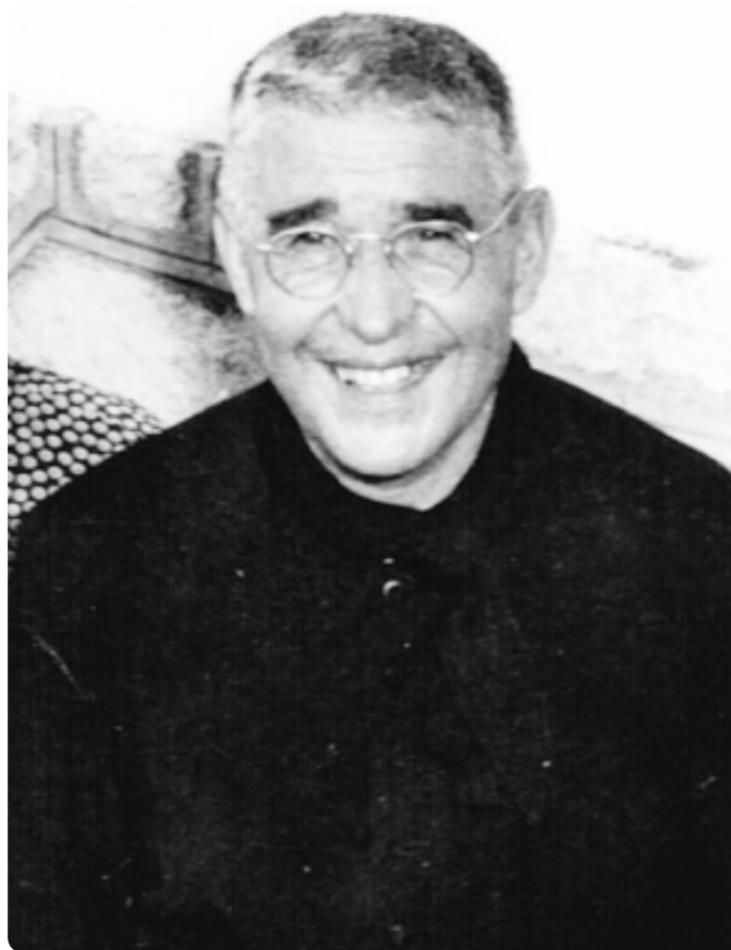
Quando em pequeno ia buscar pão à caixa, onde a mãe o guardava, para o levar aos Pobres que passavam à sua porta, era já o prenúncio da sua vocação.

No Seminário em Coimbra, e depois ao longo dos seus anos de sacerdócio, ei-lo a pedir e a levar os bens de que os seus Pobres careciam.

Era a sua acção material. Aquilo que se via. A aplicação prática da sua convicção de que «não se pode pregar a estômagos vazios».

Mas a consequência do seu trabalho ultrapassava o simples dar pão e alcançava bens mais elevados, transformando as mentalidades do seu tempo, fazendo uma espécie de revolução: «Eu sou um revolucionário pacífico...»; alguns diziam ser ele um comunista, e Pai Américo aperfeiçoava o epíteto: «Sou um comunista cristão».

Foi de tal maneira abrangente a sua acção de Recoveiro, que nela apanhou todas as camadas sociais, e marcou indelevelmente uma geração que ainda hoje na correspondência que nos envia,



amigos de longa data, nela connosco partilham a importância que Pai Américo teve nas suas vidas.

Não era só o pão que levava aos seus Pobres. Esse pão era também o veículo de Alguém de quem Pai Américo dava testemunho. Essa aproximação foi clara nos gestos da imensa multidão que o acompanhou no seu funeral. Segundo o relato de um seu sobrinho, que nele esteve presente, viu operários, em Valongo, ajoelharem à passagem do seu corpo, evidenciando assim os efeitos que teve a sua vida de «Recoveiro dos Pobres», tanto de bens materiais como espirituais.

Hoje é imensa a multidão de crentes que esperam ver a glorificação das suas virtudes, autenticada pela Igreja, confirmando-as pela sua beatificação.

Vamos recebendo e dando o desenvolvimento correspondente, a situações verificadas na vida de pessoas que recorrem à sua intervenção junto de Deus, e que vão alcançando as graças que pedem e necessitam. É um processo que Pai Américo nunca acalentou - «Sou um santo de pau carunchento» - mas que intuiu, quando renunciou a expressão dos que haviam de ver passar o seu féretro: «Lá vai o santo...»

Cento e vinte e quatro anos passaram sobre o seu nascimento para este mundo; uma vida vivida nas e para as bem-aventuranças, foi uma vida em favor dos homens e para Deus. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

MUITAS vezes me tem assaltado a terrível tentação de fugir de Casa, quando vejo os Pobres!

Não me deixeis Senhor levar por tal impulso! A cruz é pesada, mas eu tenho de a levar. Não há alternativa.

Os Pobres fazem fila à minha espera. Aguardam firmes e esperançosos, horas e horas. Alguns já me prometeram que nunca mais cá voltariam e reaparecem, de novo. Eu entendo. Não há saídas.

Os três meses de Verão com o desenvolvimento dos restaurantes, trouxeram algum trabalho e alívio. É o lavar das loiças, o serviço das mesas, a limpeza das salas, a preparação dos alimentos, etc. Trabalhos não especializados que, qualquer pessoa, mesmo sem grande preparação, realiza facilmente.

É este género de labuta que os Pobres sabem executar e que tanto rareia nesta cidade onde vivemos. A serventia das obras era outra escapadela, hoje moribunda ou morta.

As vindimas, ou o granizo de Maio as fez ou as máquinas as roubaram. Não vejo, nestas circunstâncias, como os Pobres possam sobreviver.

Ela vinha sobrecarregada, mal

vestida e mal cheirosa. Trazia a factura da água e da luz cortadas e uma série de rendas em atraso. O marido deixou-a com o encargo da casa e os três filhos! E foi... não sabe para onde!... Há mais de oito meses que não dá notícias.

Este descalbro moral tornou-se moda, uma moda alimentada por toda a espécie de comunicação, arrasta sobretudo os mais fracos, ignorantes e menos capazes!

Fecham os olhos do coração, deixam a esposa e os filhos e vão, de novo, para uma lua de mel, tragédia que atinge grande parte das famílias que socorremos. Parece uma fatalidade, uma torrente imparável que se afigura ninguém ser capaz de suster.

A Lei de Deus, única lei sábia capaz de conduzir o Homem, a Família e as Sociedades, é ignorada, esquecida, ridicularizada e, até, combatida! Então, a miséria ergue-se gigantesca engolindo, em primeiro lugar, os mais desprevénidos.

Paguei-lhe as rendas da casa e a água. A luz não. Eu passo cheques. É a maneira mais segura de ajudar. A EDP não aceita os meus cheques.

«Eu acendo um gasómetro e a gente vai-se governado assim».

Está sem luz há quatro meses. A factura era de assustar: seiscentos e muitos euros. Impressionou-me muito que ela, apesar de lhe terem cortado a luz, continue a receber facturas de 11,80 e 12 euros mensalmente. É a potência, julgo eu que nada percebo. Parece-me, no entanto, que, se não tem luz, nada lhe deveria ser debitado.

Esta senhora não tem sequer capacidade para refilar. Os Pobres são muitas vezes assim: — **calados e explorados.**

Logo que tenha tempo, hei-de ir à EDP pagar, esclarecer-me e pedir que lhe liguem novamente a energia eléctrica.

Conto com a graça de Deus que se torna sensível, nas cartas, sacrifícios, ajudas e orações dos meus leitores, para que eu não desanime e jamais fuja à cruz desta hora. □

PENSAMENTO

Não escolhi nem recebi jamais preparação para a vida que hoje tenho; isto foi uma ras-teira... divina! Quero regressar à *Toca*. Não que eu aprove ou me ache ali bem, mas gosto de aliviar penas gemendo aos pés dos que gemem e assim salvo a minha alma.

PAI AMÉRICO

SINAIS

Padre Telmo

O CALVÁRIO — 3, do Padre Baptista, é um sinal maravilhoso de vida no amor; declaração do quotidiano; entrega radical; loucura da Cruz no tal monte que chamamos Calvário, onde Jesus deu a vida na cruz.

Já leste? Pede à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Lê e encontrarás beleza, verdade e mais luz rasgará novos horizontes na tua vida cristã.

Como vida em corpos esfarrapados, sem graça e quase no fim?! Pois aí — a entrega nas mãos de Deus; a doação aos irmãos na ajuda constante daqueles que ainda podem aos que não podem.

Uma mística da Idade Média ouviu Deus dizer:

«Eu sou a brisa que alimenta todas as coisas verdes. Eu sou a chuva que jorra do orvalho e faz as ervas rirem com a alegria da vida».

Como brisa e chuva, assim os doentes que ainda podem, são a alegria da vida para os mais débeis.

Melhor expressa o texto do Padre Baptista, ao falar de uma doente que lá vive, há quarenta anos: «Suas mãos, retorcidas, parecem nada conseguir. No entanto, apesar de aparentemente inúteis, pegando na agulha e linha, de muito são capazes.

A dona destas mãos já está connosco, há cerca de quarenta anos. Na juventude, começou a sofrer de artrismo e deixou de andar. O seu corpo foi-se deformando. É um exemplo de persistência e de coragem perante a adversidade. Não se lamenta. Vive com naturalidade, com simplicidade e, até, com alegria.

Há tantas mãos perfeitas que nada fazem. Andam nos bolsos escondidas e envergonhadas. E tanta gente a pedir-lhes ajuda que elas teimosamente recusam. Das mãos podia sair imensa riqueza e generosidade de que tantos têm míngua.

É bom abrir as mãos para semear beleza e amor!»

Sim, o Calvário é um sinal de beleza e amor que tantos não conhecem e muitos passam por lá sem mergulhar nos gestos de ternura. Outros, ficam encantados com a beleza da Aldeia e as matas que a circundam. Olham os doentes. Saem criticando. A mó do seu moinho está fanada e, em vez de farinha, sai calça. □

Pelas CASAS DO GAIATO



Matrimónio da Joana — filha do Santana que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — e do Milton. A cerimónia realizou-se em 3 de Setembro, na Sé de Leiria.

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FALECIMENTO — A nossa Comunidade esteve presente na Missa do funeral do pai do Sr. Padre Júlio, actual Director da nossa Obra, a que presidiu com coragem, a 03 de Outubro, na Igreja Matriz de Campanhã. Partiu com 90 anos e que descanse em paz!

VISITANTES — A 01 de Outubro, Sábado, de tarde, vieram visitar-nos vários jovens da Paróquia de Ansião, com as suas Catequistas. Ficámos gratos pela amizade que transmitiram!

ARRANJOS — Depois da colocação de vários tubos novos, junto à lavandaria, teve de se arranjar a calçada que foi levantada.

AGROPECUÁRIA — Na feira da Vila, a 05 de Outubro, foram comprados vários centos de couves e dez galinhas poedeiras, sendo três de cor negra. As couves foram plantadas, depois, na nossa horta, próximo do salão de festas. Como tivemos muitas abóboras, foram guardadas nos currais. Entretanto, continuou-se a cortar a relva dos jardins, junto às oficinas.

CONTACTOS — Várias vezes nos têm telefonado sobre a Casa do Tojal, em Loures. Temos informado que passou a depender do Patriarcado de Lisboa, com o nome de Gaiato, o que dá confusão.

Para os nossos Amigos, que nos perguntam sobre os nossos contactos, aqui vão eles: Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt; NIB CGD: 003504680000557733018. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Todos os sábados temos tido treino e vamos continuar, até encontrar a equipa ideal. Com humildade e um pouco mais de força de vontade, já não devemos estar muito longe dela. Até porque, já temos jogos marcados.

Temos que ser uns para os outros. Temos que ser, sobretudo, bons conselheiros. Isto de se pensar que se sabe tudo, é um engano — e há tantos... por aí, que julgam saber tudo e não sabem nada! São meros «adivinhões».

Pela parte que nos toca, vamos continuar a trabalhar; e, tudo faremos para que os Rapazes compreendam que praticar desporto com regras é necessário — como tudo na vida!

Pai Américo dizia: «Muitos sucumbem sim. Mais sucumbiriam se os deixássemos em paz». Ora, nós, não

pretendemos fazer jogadores para a chamada alta-roda futebolística — se bem que..., já os lá temos — mas queremos, essencialmente, ocupar os tempos livres... e não só!

O nosso Padre Carlos, quando alguém em dias de treino ou jogo pretendia sair, por qualquer motivo, só autorizava se o responsável pelo desporto o dispensasse. Com o «Carlos Pote», por exemplo, houve uma altura qualquer que ele estava a cumprir... e o Padre Carlos chamou a pessoa responsável e perguntou: «...se 'fulano' fazia falta». Foi-lhe dito que sim. A resposta só foi esta: «Vai, mas no fim do jogo, volta para o mesmo sítio». E assim foi! O desporto, quer queiramos quer não, faz parte integrante da vida da Casa.

Para terminar, e para lembrar os mais distraídos, só este pensamento

de Pai Américo: «Vamos, sim, tirá-los da falsa liberdade de fazerem o que lhes apetece e substituí-la pelo bem que é a verdadeira liberdade». Isto, é o que muitos não querem compreender: «...falsa liberdade de fazerem o que lhes apetece...!» Então se Pai Américo era tão amigo dos Rapazes e dizia isto, porque é que os seus seguidores — que também o são — não podem fazer o mesmo que Pai Américo dizia e fazia? Assim como o Padre Carlos! Valha-nos Deus! Anda tudo muito esquecido de outros tempos. Não sou do tempo de Pai Américo — por pouco — mas chegou-me o do Padre Carlos, para aprender o suficiente. Castigou-me a mim e a outros... porque realmente gostava de nós! Não nos deixava andar — desde que ele se apercebesse — na falsa liberdade! □

BENGUELA

César Daniel («Massauro»)

ESCOLA — Estamos a meio do terceiro trimestre, onde, aos poucos, nos vamos dando conta que o ano lectivo está a chegar ao fim — e o tempo vai passando — estamos conscientes desta realidade e é preciso agarrarmo-nos, de verdade, porque a partir do próximo mês, já na primeira quinzena, algumas classes entrarão nos exames finais. É necessário aproveitarmos o quanto pudermos, para não sermos surpreendidos.

POLIVALENTE — No nosso campo de futebol de salão, está a ser colocada a iluminação, para os Rapazes se ocuparem durante algumas horas, ao início da noite. Tudo isto graças ao esforço do nosso irmão mais velho, Beбето, que tem dado a

sua ajuda para que os nossos rapazes possam sentir-se mais à vontade, em termos de diversões. Oxalá eles aproveitem ao máximo. Também o piso do próprio campo está a necessitar dum arranjo. Quem nos dera que alguma empresa nos ajudasse neste particular.

OFICINAS — As nossas oficinas têm sido para os Rapazes a base da preparação do amanhã. É nelas que diariamente vamos ensinando o verdadeiro valor do trabalho, à pontualidade e ao assumir de responsabilidades por parte de cada um; e, por elas, nos chega parte da ajuda para a nossa Casa, o que entusiasma o brio profissional. Por isso, é necessário aproveitar, em cada dia, o máximo,

porque estamos a lançar-nos para a vida fora. Oxalá que os nossos mestres acompanhem, de verdade, os Rapazes que tanto precisam e que a sua fase de preparação seja proveitosa, para que a nossa sociedade possa aproveitá-los melhor.

AGRICULTURA — Este ano tivemos boas colheitas, em relação a outros anos. Isto, graças ao esforço do nosso actual responsável pelo campo, o «Cláudio», que soube aproveitar o tempo. Já colhemos o tomate e, agora, estamos a colher a cebola. Em breve, teremos outras colheitas. Vamos concluir que, afinal de contas, podemos comer do fruto do nosso suor. Falta-nos um tractor para o campo. □



DOCTRINA

Pai Américo

Peditórios

DISSE Missa mais cedo na Aldeia, para chegar a tempo à igreja de Cedofeita, como cheguei. As nove, estava no altar. Antes de sair de Casa, lancei os olhos em redor. Estavam todos à mesa ocupados com púcaros de leite quente e nesta ocupação os deixei. Um mundo a levantar o mundo! Que grande, que imenso, que belo título não levei eu comigo! Que formidável autoridade para pedir na igreja de Cedofeita! De onde me vem? Muito simples: cento e cinquenta púcaros de leite quente postos ao serviço de outros tantos rapazes da Rua, que nem sequer das mães beberam! Aqui está.

O assunto principal de que tratei no altar, foi a nossa tipografia. Evidentemente que não se trata de um caso comercial. Não é um negócio a nossa tipografia. Se o fora, não poderia jamais subir com ele ao altar. Prega-se o trabalho à luz do Evangelho. Assim como os púcaros de leite, assim o trabalho é necessário à formação total dos que hão-de ser amanhã homens úteis ao Homem.

NÓS temos este ano lectivo na nossa Escola um grupo de quarenta rapazes na quarta-classe. Isto quer dizer que no fim, temos outros tantos rapazes aptos ao trabalho. Mas acontece que muitos deles, a maior parte deles, não pode sair de Casa, porque doentes... O «Píru-las»; o «Píru-las», tão falado aqui e que estava colocado no Porto, teve de regressar à base...! Por aqui se pode ajuizar da gravidade dos males da Rua. Ora muito bem. Que vamos nós fazer no próximo mês de Julho, a quarenta finalistas? Eis o cuidado. Este é o cuidado que nos faz trabalhar. Uma tipografia.

O peditório deu seis contos. É nada em relação aos quinhentos que são precisos. É muito, muitíssimo, para começar. Claro está que nenhum dos presentes trazia na algibeira aquela soma. As igrejas não são lugar de negócio. Mas o certo é que muitos dos que ouviram o apelo, têm quinhentos contos... O resto, não é comigo nem com eles. Sim, digo bem: nem com eles... Os instrumentos de Deus são instrumentos e nada mais... Esta doutrina

é certa. Que o senhor Rodrigues, da Rua do Almada, não tenha medo. A Rua do Almada é no Porto. O Porto não me deixa ir ao fundo!

Chegados a Casa naquela mesma tarde, soube de um dos cicrones que «uma mulherzinha», como ele disse, tinha deixado ficar um envelope com ordem muito expressa de me ser entregue a mim. «Ela disse que não desse a ninguém. Era uma mulherzinha pobre.» Tomei o envelope e abri. Uma nota de quinhentos! Ela era pobre... Não tenha medo senhor Rodrigues. O dinheiro dos Pobres é forte.

NO dia seguinte, aparece um carro ligeiro na Aldeia. Eram uns senhores. Não aceitaram cicrone por quererem falar particularmente comigo. «Vai dizer que é um caso importante.» Os senhores entraram no meu chamado escritório e perguntaram se a Obra tinha estatutos.

— Tem, sim senhor. A Obra tem estatutos.

— Mas estão no «Diário do Governo»?

— Olhe, tem aqui uma cópia. Pode levar.

Os senhores assomam à janela. Dilatam a vista. Inúmeras crianças trabalham ali ao pé, num desaterro, com pequeninas padiolas, coman-

dadas por um chefe. Trabalho intermitente. Agora e logo, brincasse um bocadinho. São crianças. Outros saem das Escolas. Lá ao fundo, andam os da erva e ao pé, vacas a pastar. Agora é o coração. Os senhores dilatam o coração: Sim senhor. Herança muito bem deixada.» A seguir, os senhores contam-me a história da herança vindoura. Eu escutei e falei. Além dos estatutos, disse, temos as nossas constituições aonde se afirma para valer esta palavra dura: «É proibido aceitar heranças.» Tal qual, meus senhores, continuei. Nós não queremos espólios. A nossa fortuna é de natureza diferente. Ou não ressuscitou o Espoliado?!... Ressuscitou, sim senhor!

ATRÁS de uma herança, viria outra. Com elas, entrava a riqueza na Obra. Por elas, a cobiça. E com esta, os senhores administradores. Administradores dos bens da Obra, que não do Bem dos Rapazes. Ora nós queremos na Obra da Rua Pelicanos que tirem sangue do peito para alimentar os filhos — e isto somente é possível com a Pobreza. Se alguém não acredita nas realidades fundas do Evangelho, veja com os seus próprios olhos os esqueletos dos Asilos e outras casas chamadas de caridade, que vivem de heranças e morrem à

míngua. Ainda ontem vinha nos jornais que o director de certo Asilo, em certa cidade, tinha ido a Lisboa falar com o Subsecretário da Assistência, a quem ia pedir verba ou entregar a casa! Isto dizia o jornal e deve ser verdade porquanto, uma vez que eu fui pedir às igrejas daquela cidade, a convite de alguém, soube ao depois que a Mesa daquele Asilo se insurgira com a ideia...! Uma desgraça chama outra desgraça. *Mea sunt omnia, diz o Senhor. Tudo é d'Ele — e nós também. Que falta tem feito, ou poderão vir a fazer à Casa do Gaiato, as imensas quantias atribuídas a obras congéneres?! Os administradores dos bens esquecem-se naturalmente do Bem dos Rapazes. E quando aqueles faltam, despedem estes. Fecham-se as portas e entrega-se a casa!*

OH! Pelicano, que morres exangue... por amor! É precisamente este amor operoso que produz e vem trazer a casa tudo quanto é necessário ao sustento dos filhos. Esta doutrina é certa. Nós temos de a dar ao mundo, encher as almas de boa vontade. A fome e sede que por aí andam é precisamente destas verdades.

MALANJE

Padre Rafael

«Ele tirar-lhes-á o Reino e o dará a outros...»

GERALMENTE dizemos que Deus é muito bom e, pela parte que me toca, não coloco isso em dúvida, evidentemente, porquanto já senti que Ele cumpria — e me retirava o Reino e o dava a outro. Foi quando senti, a meu modo, que Deus não era assim tão bonacheirão. É claro que quando alguém é importante para nós, guardamos todos os momentos e recordações: fotos no armário, mensagens no telemóvel, presentes... praticamente reina na nossa vida, porque aparece em nossas conversações e pensamos nessa pessoa antes de fazermos qualquer coisa. Mas quando as coisas não vão bem e aparecem outros interesses mudamos, arrancamos tudo quanto nos recorda essa pessoa. Evidentemente, Deus não espera que nos retiremos, Ele mesmo nos vai retirando, lentamente, e, quando dermos conta, já não há rasto de Deus em nós.

O que nos faz ver a bondade de Deus, é quando nos damos conta de que estamos enganados, o mal que fazemos e o arrependimento que temos. Do mesmo modo como Ele se retirou, volta a colocar-Se em nós, sem que demos conta de tal e sem nos censurar o sucedido. Simplesmente nos faz ver que há muitos reinos e muitos modos de reinar. Oxalá ele continue removendo o Reino, tantas vezes quantas as necessárias, para que me dê conta de que o Amor é de Quem no-lo dá.

Os Padres da Rua, não se cansam de ensinar aos seus Rapazes que não queremos que nos mintam e que preferimos a verdade, mesmo que nos magoe, à mentira, por pequena que seja. Hoje, pela manhã, aproximou-se de mim um dos mais velhos e disse-me que tinha deixado a sua namorada grávida e que a família lhe pedia dinheiro para abortar. Eviden-

temente não me pus a saltar de alegria por me ter dito a verdade (que fácil poderia ter sido para ele não me dizer nada e ter procurado uma solução por outro caminho). Depois de ponderar com o nosso Rapaz, tomo a decisão de aconselhar a noiva a ter o bebé e de, com ambos, estudar uma maneira de viverem juntos para criar o seu filho.

No moinho, todos já nos estamos apercebendo que as contas não batiam certas. Há um mês, a trabalhadora disse-me que ficara com o dinheiro dos últimos meses. Segundo ela, não me podia esconder a verdade por mais tempo porque, segundo ela, trabalho muito e estou sempre preocupado para que não lhes falte o respectivo soldo todos os meses. Evidentemente que esse dia não me deu muita graça; mas este mês as contas foram acertadas.

Há dias, fui visitar um antigo gaiato que está preso por um delito. Pedi-lhe, encarecidamente, que me dissesse a verdade, pois segundo o que relata é praticamente impossível de acreditar. Suas palavras disseram uma coisa, os seus olhos disseram outra. Nesse dia, que já não era de saltar de alegria, fez-me chorar. □

Eles a pintar a sua Casa



MUNDO A MAIS

Padre João

DISSE, Aurea Miguel, jornalista da RR que habitualmente acompanha o Papa nas suas viagens apostólicas, «que a frase caiu que nem uma bomba...»

Bento XVI na sua recente visita pastoral à Alemanha denunciou a «rotina em que a fé se converte com o passar dos anos e o peso da estrutura que esmaga o espírito bem como uma certa ‘fachada cristã’ que bloqueia o acesso a Deus». Lá, como por cá, a denúncia tem força profética! Já em outras ocasiões, igual reparo mereceu o que classificou de «carreirismo eclesiástico». O Papa está a falar principalmente para “dentro” alertando para os perigos decorrentes da auto-suficiência — uma tentação permanente. A Igreja sem Deus não existe — alerta o Papa. Por isso precisa de se converter, conclui.

A Igreja, explícita, não é só o Papa, os bispos e os pastores. A Igreja somos todos nós. E de forma assertiva pontualiza: «que temos mundo a mais e conversão a menos».

O evangelista S. João ensina-nos «que o Pai enviou o Filho ao mundo, não para condenar o mundo mas para este seja salvo por Seu intermédio» (Jo.3,17). E ainda na Oração Sacerdotal: «eles estão no mundo mas não são do mundo» (Jo.17,16). O reparo do

Papa na Alemanha é transversal à Igreja toda. É normativo... Daí estarmos atentos e de sobreaviso para os perigos “de fora” e muito particularmente para os que emergem “de dentro”... comportamentos e reacções... A Igreja é enviada ao mundo como Sacramento de Salvação. É para o mundo mas não é do mundo nem se pode com ele confundir — doutrina do Concílio Vaticano II. Mas a Igreja não é de modo algum uma «muralha» ou «castelo inexpugnável»... Ela está aí, amorosamente, oferecida, como dom de Salvação para o mundo. E, como o afirmou o bem-aventurado Papa João Paulo II, logo no início do seu pontificado: «o caminho da Igreja é o caminho do homem...»

Num Domingo recente, na Liturgia da Palavra, S. Paulo na sua Carta aos Filipenses e, num contexto confuso, como o do nosso tempo, fazia este apelo à serenidade nestes termos: «Quanto ao resto irmãos, tudo o que é verdadeiro e nobre, tudo o que é justo e puro, tudo o que é amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor é o que deveis ter no pensamento... E o Deus da paz estará convosco». Trata-se de um bom apontamento, altamente construtivo e pedagogicamente válido para uma educação a uma sã laicidade. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Inquietação saudável

ANTES de me sentar para escrever esta Nota, meus olhos poisarão na PALAVRA: «Defendei o órfão e o desprotegido, fazei justiça ao humilde e ao pobre, salvai o oprimido e o indigente...» Meu coração agarrou, imediatamente, as mãos para escrever as palavras no papel e levá-las até vós. Aqui estão! É uma síntese sublime da mensagem libertadora do mundo velho, como um odre cheio de egoísmo, indiferença e de vaidade. É a profissão do amor que gera os corações novos. A sociedade necessita, urgentemente, da cura dos males que lhe roubam a dignidade humana. Os valores que lhe dão a juventude autêntica nascem do coração generoso que bate nas palavras e nas mãos estendidas para quem delas necessita. Quem dera a palavra, com letra maiúscula, seja o verdadeiro farol para as nossas vidas!

Ontem, à noite, tivemos um momento feliz. Foi o encontro comunitário com quatro jovens, já maduros, integrados no Movimento dos Leigos para o Desenvolvimento. A Mariana e a Joana, com os seus cursos superiores, chegaram a Angola, há poucos dias. Vieram de Portugal. Tocadas pela PALAVRA, sentiram necessidade de partilhar a riqueza humana das suas vidas com os mais pobres. É o caminho da verdadeira felicidade. Só quem experimenta sabe que é verdade. Deste modo, vão ajudar a construir uma Angola nova. A Sónia, depois de colher a riqueza humana do dom da sua vida, ao longo do ano, esteve presente, também. Regressará, em breve, à sua terra natal. O Pedro acompanhou, todos os sábados, um grupo dos mais velhos. A partilha da sua vida foi tão rica que gerou um ambiente muito familiar. Leva muitas saudades, na hora da partida. As lágrimas são testemunhas. Deixa, de igual modo, nos corações dos rapazes, a alegria de se sentirem mais ricos humanamente. Quem dera uma experiência semelhante continue, com a ajuda dos novos membros. Os momentos felizes da nossa vida são um sinal do caminho certo e seguro da nossa existência. A vocação é o caminho da nossa felicidade. Por isso, não fechemos o nosso coração aos apelos dos nossos irmãos necessitados.

Vi a aflição daquela mulher com o coração de mãe. Bate à nossa porta a pedir socorro para uma criança que vive longe. Quer ajudá-la. Anda perdida, nos seus dez anos. Não tem ninguém que lhe dê a mão, nesta hora oportuna. Depois, será tarde. Não está, sequer, registada. Apesar da situação aflitiva em que nos encontramos, com a falta de lugares, vamos acolhê-lo. O coração não resiste. Queremos tentar salvá-lo, enquanto é tempo. Entretanto, mais dois casos clamam por socorro. A saída digna do grupo dos mais velhos para a sua autonomia, com a abertura da porta do emprego, seria a resposta adequada para estas aflições. Por isso, o nosso coração não tem descanso. Partilho convosco a nossa vida, nos passos essenciais. É uma inquietação saudável sair de nós mesmos para ir ao encontro dos outros que nos estendem as suas mãos. Vamos dar as mãos! Ajudemos!

Ainda não pudemos recuperar as habitações dos nossos rapazes, nem satisfazer outras necessidades internas, por falta de meios. Mas a Esperança não morre. Ao contemplar as dezenas de filhos, desde os cinco anos, até à idade adulta, salvos pelo amor, a crescer com segurança, ao longo das vinte e quatro horas, vale a pena dar a vida. Esperamos! Voltemos à PALAVRA do princípio! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«Ó MULHER, GRANDE É A TUA FÉ. FAÇA-SE COMO DESEJAS.» (Mt 15, 28) — O mundo em que vivemos parece o mundo da Cananeia com a filha atormentada por demónios que roga pela misericórdia de Deus, mas a quem Este parece não responder. A pobreza dá sinais de estar a aumentar. Há, também, erupções de violência que nos parecem sem sentido por esse mundo fora e também cá dentro. A Humanidade, em vez de se ir aperfeiçoando e caminhando para mais perto de Deus, parece cada vez mais tomada por demónios que Ele não consegue vencer.

Nestas circunstâncias a fé de alguns que a têm vai esmorecendo, ou mesmo desaparecendo, em vez de ganhar maior vigor no afrontar destas dificuldades.

Por isso, a Fé que sempre foi precisa, é e será cada vez mais precisa. Sendo essa Fé feita de determinação para afrontar as dificuldades, mesmo quando nos parece que “não há Deus”, ela é impulso para lutar contra a pobreza e sair dela. Como os Vicentinos e outros que andam nisto bem sabem, muitas vezes a pobreza começa e alimenta-se dessa falta de vontade de compreender e de lutar contra as dificuldades da vida.

Façamos, pois, a nossa parte como a Cananeia, que Deus não nos faltará com a sua misericórdia.

(Por lapso involuntário, no n.º 1762 do jornal foi publicada uma crónica repetida. Esta é a que deveria ter sido publicada nessa altura.)

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESCREVO finalmente da minha Casa em Moçambique. Tanta coisa à minha espera. Nem quero falar das pessoas que daqui sempre me acompanharam. O arrumar a cabeça fez-me dar uma volta por todo o lado. Só não fui ainda às aldeias, porque as distâncias a andar levam tempo.

A fazenda que é um problema a resolver, está seca. Os capins, onde o gado pasta, já não dão alimento capaz e o gado mais novo começou a morrer. Foi preciso retirá-lo para o estábulo do gado leiteiro, que agora não temos, para prevenir futuras mortes. Assim, os cuidados que temos com os Rapazes, tornaram-se paralelos. Até vem uma dor à alma não só pelo que acontece com o povo, em igual circunstância, mas porque ele mesmo não tem quem cuide dele, apesar de tanto se falar da cultura do trabalho, para sair da miséria.

Chegou por três dias a nossa Casa, uma equipa da «Antena 3», de Madrid, para fazer uma reportagem sobre o meio ambiente, à nossa volta. O problema é que, depois que a paz se consolidou, muitas famílias saíram das aldeias onde não gostam de viver, e procuraram lugares longe onde estavam, para construir a sua palhota e cultivar pequenos retalhos de terreno no meio das pedras da montanha, para a sua sobrevivência. A maior parte deles, deixaram a Massaca onde tinham Escola, Posto de Saúde, a Creche para os filhos mais pequenos e outros acessos a necessidades básicas, e se mudaram, para nós incompreensivelmente, para longe.

Houve que fazer um levantamento prévio de género, número, idades das crianças e necessidades maiores em leite, sementes, pequenas e rústicas alfaias agrícolas e gado de tracção, porque lá não chega o tractor, a fim de garantir, num meio tão adverso, o mínimo de vida possível. Quando os vi sair da Massaca, trocando o dinheiro recebido por uns litros de álcool, que mata a fome, mas também a saúde e deixar todo o bem que

tínhamos preparado para eles, fiquei contrariado. Tínhamos acabado precisamente de construir moradias em alvenaria para os mais necessitados. Na Massaca foram feitas quase mil. Claro que nenhuma foi vendida. Mas quando é preciso socorrer alguém na nova situação, só com muita dificuldade ali chegamos. As mais das vezes para apagar incêndios, mas já aconteceu para socorrer doentes de paludismo e até um suicida. Na pressa de lá chegar tentámos o carro com tracção e queimámos o motor.

Por ali anda a equipa da «Antena 3», a pé claro está, a filmar estas situações, com a finalidade de fazer campanha, para nos ajudar a resolvê-las. É um grupo espantoso, formado pelo Jorge que filma, dirigido pela Lary, curiosamente sem braços, mas autónoma nos seus delicados e muito curtos cotos e um apresentador dos mais renomeados de Madrid de nome Alberto. Com eles, o patrocinador, o nosso dentista Dr. Manuel Hoyos, igualmente de Madrid.

Tudo isto começou como bola de neve, em 91, quando chegámos e o Senhor nos mergulhou neste mundo de problemas. A primeira a vir foi a Eng. Branca, mais tarde a Irmã Maqui. Entretanto começou a vir o Dr. Manuel que já traz consigo outros, veio a Maria José que deixou o ensino na Universidade, depois a Tia Carmen. De Espanha temos também já o Padre Rafael. Sendo a Obra da Rua nascida em Portugal, uma vez aqui, encontrou todo este apoio em Espanha. É doloroso, para a Obra da Rua em si mesma, não encontrar Padres portugueses para lhe manter o espírito de Pai Américo. Em conversa com colegas que pude encontrar, é um triste sinal da Igreja que está em Portugal. Padres para os Pobres, nenhum. Será que já não interessa o sinal messiânico. «Os Pobres são evangelizados?» Talvez, por isso, eles sejam tantos e assustem. Mas a Igreja dos primeiros tempos, sobretudo em Roma, teve a adesão dos escravos ou não teve? Será porque hoje os escravos são apenas os do dinheiro e os que não têm o mínimo, já têm o Reino dos Céus garantido? Se fosse Pai Américo diria: “tenho dito”. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Quem quer a bolota

TREPA, diz o nosso povo. Porém, nem sempre é preciso subir... Semear, sim, para se colherem bons frutos.

Entre a pequenada desta Família, neste *modus vivendi*, tem andado por aqui uma azáfama com uma moda de brincar, que é o jogo das bolotas.

Em termos lúdicos, de vez em quando, deixam-nos ficar sacos com brinquedos, em que alguns são de lhes botar atenção e suspensão. Nessas quinquilharias, os miúdos preferem as bolas, os berlindes e os carrinhos. Estes são uma atracção e, quando gostam de algum, chamam-lhe *maquinão*, para as corridas e manobras nos muros, átrios e na terra, pois não pagam portagens... O seu desgaste nota-se depressa, em especial nas rodas, que não resistem às velocidades e aos choques. Como é evidente, são tralhas de plástico, com curta duração, pela sua fragilidade; e algumas até se revestem de perigosidade.

Dos conhecimentos científicos, em matéria psicológica, tem sobressaído que as emoções são benéficas, se forem bem educadas. Nesta linha, a euforia dos nossos *aceleras* também acontece no trânsito pedestre, ao longo dos nossos arruamentos. Há quem não queira ficar para trás. Acontece, então, que certas corridas dos garotos, acabam com narizes e joelhos no chão, em sangrias, que são motivo para procurar mais mimos.

É um facto que todo o ser humano precisa de larguezas, de espaços e horizontes, que possa percorrer, mesmo que se opte por uma cela, como o silêncio da Cartuxa. Entre nós, o Victório, semelhante a um *pau de virar tripas*, e que aguarda ansioso o seu mano crescidote, é dos que mais berra, para chamar a atenção.

Nós somos uma *porta aberta*, para o bem note-se, em que deve haver regras. Por isso, em especial os pequenos da casa-Mãe devem estar o mais possível ao alcance dos olhos. Mas, transgredir é muito humano. E, nas suas explorações interiores, uma mão cheia de pequenotes deu-lhes para escalar uma encosta arborizada, à cata de landes, caídas, de jovens carvalhos, cuja espécie outrora foi mais abundante no nosso território. Na cortiça, ainda bem que o nosso País leva a dianteira.

As crianças e os adolescentes têm preferência por aventuras e riscos, já que o amadurecimento do cérebro humano é lento, até aos 25 anos. É basililar, em educação, afastar aqueles que crescem dos perigos e orientá-los noutras situações que os prejudicam, e abundam nos tempos que correm.

Vimos, então, neste Outono, com calor estival, um magote de miúdos à cata de bolotas, em volta daquelas árvores de folha caduca. Não treparam, como fez o Nandinho numa nespereira nova, que ficou mesmo vergada, e o novato Edgar, qual furacão, nas oliveiras grossas a pintar de negro, como a maioria deles.

É bom de ver que a recolha daqueles frutos, a que tiram as cúpulas, não foi para alimentar os suínos. O Aliu, a fazer 5 anitos, é dos mais aguerridos nesta lide, mais o João, *bufão*, o Malam, *godo*, o Aquilino, dito *inquilino*, entre outros fiúzas. Depois dos deveres escolares, eles têm delirado com tal joguinho, nos pátios. Sentados no chão, não poupam as roupas, pois todos os dias são braçados delas, nas mudas.

Uma alegria esfuziante, só vista, tem pairado no ar dos recreios. Disputam os bolsos cheios de bolotas, que cada um guarda ciosamente, e quem faz girar mais e melhor as preciosas landes. Quando a coisa não corre bem, travam-se de acesas razões, que a nossa razão desconhece. Foram astutos, porque recuperaram, sem revivalismo, uma distracção ligeira e que os tem feito saltar de contentes.

Parece-nos que o estritamente necessário é que faz as pessoas verdadeiramente felizes, mesmo na era digital. Construir algo simples, nem que seja encontrar e fazer rodopiar uma bolota, pode ser uma boa forma de evitar a depressão, que pode aparecer cedo e destruir o percurso equilibrado de tantas pessoas.

Neste itinerário, de crescimento saudável, não se podem desligar os mais novos da terra. Pode ser que se descubra uma virtude pouco em voga: a humildade. Vem de húmus e é bom que se viva com ambos os pés na terra, com os olhos postos nas estrelas e no Sol nascente. *Louvado sejas, Senhor, pela terra, que produz variados frutos.*

Estes filhos têm rejubilado com as voltas das bolotas e tiveram a intuição de as procurar, rentinhas ao chão. Na vida humana, mesmo sem a vermos, há uma escada que nos eleva para o Alto, que não podemos percorrer carregados do supérfluo e inchados de orgulho.

Quantas vezes, é um bom exercício descer, pois nem sempre o que se encontra caído é inútil e nem todos aqueles que se baixam são miseráveis. Jesus, veio até nós, nascido de Mulher, que o recebeu depois tombado da Cruz, onde O vemos. *Desceu aos infernos*, da humanidade transviada, para nos dar a Vida! Felicidade não significa facilidade. Humilhou-se, precisamente, para deixarmos de rastejar e nos levantarmos em corpo inteiro, da terra, que nos alimenta e cujos pulmões é preciso preservar. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Bálsamo

Os feriados, nesta Casa, se não for, em dia Santo, não se guardam, por inteiro. Normalmente levantamo-nos uma hora mais tarde que em dias de trabalho e ocupamo-nos, da parte da manhã, até às treze horas.

No dia 5 de Outubro o «Zeziinho» mais o «Boas» foram para o pomar das laranjeiras, e outros citrinos, limpar algo de que as árvores carecessem. Dar uma olhadela, por alto, e observar as necessidades das plantas.

A meio da manhã, o primeiro apareceu-me com um ramo novo de tangerineira coberto de piolhos:

— *Olhe para isto. Se não lhes acudirmos a bicharada devora tudo!*

Fiquei, deveras, surpreendido e assustado, mas também feliz pelo zelo do rapaz.

Há quinze dias, libertámos as mesmas árvores de um ataque de lagarta mineira, que lhes devorava as folhas e as enrodilhava, e já estamos, de novo, com outra praga.

Este calor outonal propicia a proliferação de muitas calamidades que não só os terríveis e abomináveis incêndios.

Os insecticidas são caros e o nosso dinheiro escasseia.

Não tenho outro remédio senão

pôr-me a caminho e pedir. A SAPEC está sempre de portas abertas para nós. Não me canso de o realçar.

Apoiado a uma bengala fui, sozinho, bater à porta do departamento, mas não estava ninguém. Era sexta-feira, à tarde. Fui ao lado e encontrei uma senhora agarrada ao telefone e ao computador, no seu gabinete de trabalho. Pedi perdão de a interromper e, confiante, disse quem era e ao que vinha. A senhora levantou ternamente os olhos e perguntou-me se eu sabia o nome do produto indicado. Que não, disse. Só conheço o mal, ignoro o nome do remédio.

Levantou-se, indicou-me uma salinha com cadeira e mesa para me sentar, ofereceu-me, gentilmente, um café ou chá e foi telefonar para quem, na fábrica, conheceria o veneno para matar os piolhos e aliviar as tangerineiras.

Como me soube bem aquela atenção e quanto bendisse a Deus, por me ter deparado aquela consoladora ocasião.

A pedir, a gente aprecia o que os Pobres sentem quando nos batem à porta, a alegria gozada quando acudimos às suas necessidades e a tristeza que os carrega quando não acolhemos os seus pedidos. É bom pedir. Experimentar a dependência dos outros, faz-nos bem. Prepara-nos para entender melhor aqueles que nos procuram.

A senhora voltou à sala onde me

deixara e, com um sorriso feliz, indicou-me o armazém da fábrica onde me havia de dirigir e receber o insecticida. Tudo atenções e carinho reconfortante para quem anda sobrecarregado.

Se não fosse obrigado a vestir o facto de pedinte nunca experimentaria tão saborosa consolação!

Refeitório

Como me delicia contemplar, de manhã, os pequeninos da Escola primária a arrumar o refeitório após o pequeno-almoço!

Muitas vezes me sento no lugar onde presido às refeições, a rezar matinas e laudes, enquanto eles levantam as tigelas e as levam para a copa, limpam as mesas, varrem as migalhas e põem as mesas para a refeição seguinte.

Pequenos, com nove ou dez anos prestam este serviço a brincar, a discutir uns com os outros, mas atentos ao trabalho que executam. A minha presença dá-lhes paz, assegura-lhes responsabilidade, mesmo que não esteja, naquele momento, a ligar nada às suas tarefas.

Eles são, para mim, uma presença viva e inocente de Deus actuante, enquanto eu rezo. Não me distraem, não me incomodam, antes me elevam, dão sentido e peso à Palavra Sagrada com que louvo a Deus e me alimento. □